

A CAPOEIRA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Leandro Oliveira Rocha ¹
Fabiano Bossle ²

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar; Capoeira; Relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no relato de experiência de uma proposta pedagógica que realizei no ano de 2014 em uma escola estadual localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, na qual desenvolvi a Capoeira nos anos finais do Ensino Fundamental.

Ao ingressar nessa escola, em junho de 2014, refiz os planos de estudos da Educação Física (EFI) a partir do objetivo geral de desenvolver a reflexão pedagógica sobre as formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pelos jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos e esporte, os quais podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (NEIRA; NUNES, 2006)

Dessa forma, ao consolidar a cultura corporal do movimento humano como objeto de estudo da EFI, concordo que a tarefa do professor de EFI seja levar os alunos “a experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais sistematizadas, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e contraditórias” (LIÇÕES DO RIO GRANDE, 2009, p. 113). Explicado nesse documento:

De um modo específico, cabe à Educação Física tratar das representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal de movimento, estruturada em diversos contextos históricos e de algum modo vinculada ao campo do lazer e da saúde. É o caso, por exemplo, das práticas esportivas, das ginásticas, das lutas, das atividades lúdicas, das práticas corporais expressivas, entre outros, que se firmaram ao longo dos anos como objetos de estudo próprios desta disciplina (LIÇÕES DO RIO GRANDE, 2009 p. 113-114).

Nesses termos, e tendo em vista que sou instrutor de Capoeira, optei por desenvolver um conjunto de aulas de Capoeira que permitissem aos estudantes praticá-la de forma lúdica, manipular os instrumentos musicais e, principalmente, compreendê-la melhor como patrimônio imaterial da cultura brasileira e luta de um povo que foi escravizado, que contribuiu e contribui significativamente na construção da cultura brasileira e deve ser respeitado.

Dessa forma, promover aulas de Capoeira na escola vai além de apenas conhecer um outro estilo de luta, uma vez que permite a construção de sentidos a essa manifestação corporal e cultural. Nessa perspectiva, torna-se possível identificar que a cultura não é algo inato e neutro, pelo contrário, é um campo de disputa política no qual a cultura mais difundida é aquela que contempla as hegemonias na luta de poder. Sobre esse aspecto, Neira, Lima e Nunes (2012) entende que as aulas de Educação Física são arenas de disseminação de sentido, de polissemia, de produção de identidades voltadas para análise, interpretação, questionamentos e diálogos entre e a partir da cultura.



Metodologicamente, construí esse relato de experiência a partir de registros em diários de campo que produzi ao longo do mês de setembro de 2014, período no qual desenvolvi a capoeira nas aulas de EFI na escola. Optei por desenvolver a capoeira nas cinco turmas que leciono – dois 6º anos, um 7º ano, um 8º ano e um 9º ano – porque nenhum dos alunos dessas turmas tiveram Capoeira na escola e poucos tiveram acesso à sua prática.

Inicialmente, elegi como objetivo de trabalho que os alunos ampliassem o conhecimento a respeito da Capoeira para compreendê-la como cultura e luta de pessoas que foram escravizadas contra seus opressores, algo que identifiquei na relação entre a essência da Capoeira e as peculiaridades da escravidão (SOARES, 1994).

Pensando assim, descrevo a seguir como se deu o trabalho nessa escola e, ao final, algumas considerações sobre o modo como os estudantes percebem a capoeira.

O ENSAIO DE UMA DIDÁTICA

Ao aproximar as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais da Capoeira (IÓRIO; DARIDO, 2008), o meu conhecimento teórico e prático da Capoeira e a minha experiência docente de sete anos no projeto social de Capoeira que desenvolvo com crianças e adolescentes, optei em priorizar nas aulas o ritual da capoeira, a ginga, os fundamentos básicos e a roda de Capoeira. Quanto às expectativas de aprendizagem, os caminhos trilhados foram se desenhando no sentido de apresentar a origem da Capoeira, algumas modificações históricas, além da identificação de golpes, acrobacias, vestuário, gradação, instrumentos musicais e rituais que fazem parte dessa manifestação da cultura corporal. Também problematizei questões como preconceito e discriminação racial.

Para iniciar o trabalho, na primeira aula, na quadra, expliquei às turmas que trabalharíamos a capoeira nas próximas doze aulas – um mês – e que haveria aulas teóricas em sala de aula. Todos alunos mostraram-se animados com a proposta, já que é um tema que não havia sido estudado nas aulas de Educação Física nos anos anteriores. Ainda nessa aula, conversamos sobre o conhecimento prévio da turma sobre a capoeira e esclareci que, embora fosse uma luta, nós jogaríamos capoeira, uma vez que, atualmente, a capoeira é jogada, como um contínuo processo de golpes de ataques, defesas e contra-ataques, tudo isso permeado pelos movimentos acrobáticos.

Nas três aulas seguintes, trabalhei a ginga, primeiro individualmente, depois em duplas, priorizando a ginga espelhada e a troca constante das duplas, para que todos pudessem gingar com todos. Nas quatro aulas seguintes, trabalhei a ginga, três movimentos básicos – o ponteiro, a meia lua de fora e a esquiva –, o aú (estrela) e o rolê (movimento agachado), para que os alunos soubessem como entrar na roda de Capoeira. Nessas aulas, alunos gingavam e realizavam os golpes individualmente e em duplas, todos ao mesmo tempo. No final do período, fazia uma roda de Capoeira, onde jogavam apenas os alunos que se sentiam a vontade. Os demais batiam palmas e/ou tocavam os instrumentos. Reforço que sempre oportunistei um tempo para todos tocarem os instrumentos – berimbau, atabaque, pandeiro e agogô – os quais eu trazia de casa, já que a escola não tinha.

Nas duas aulas seguintes, apresentei em *slides* um pouco da história da Capoeira, seus dois estilos (Angola e Regional) e seus mestres precursores, os instrumentos musicais e a importância da cultura da Capoeira (CAMPOS, 1999; REIS, 2000). Além disso, mostrei o sistema de gradação do grupo de Capoeira ao qual pertencço. Em seguida, reproduzi três vídeos: uma roda de Capoeira do filme *Besouro*, uma roda de Capoeira Angola e uma roda de Capoeira Regional, para que os alunos identificassem o contexto da Capoeira na época colonial e suas raízes negras, bem como a diferença entre os estilos de Capoeira e o modo



como hoje a Capoeira é jogada por homens, mulheres, crianças, adultos e idosos de todas as raças. Foi um momento marcado por bons questionamentos e discussões.

Nas últimas duas aulas, tocamos os instrumentos e jogamos Capoeira, procurando fazer com que todos vivenciassem a roda e mantivessem o “axé” – a energia – da roda de Capoeira. No final do trimestre, nas provas teóricas, os alunos responderam questões simples sobre a Capoeira e, nas questões descritivas, relacionaram a Capoeira à escravidão e à cultura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendi que a proposta identificada nesse texto seja uma forma de dar materialidade à construção de aulas de Educação Física que permitam trabalhar manifestações corporais desconhecidas para alguns alunos, bem como uma possibilidade de contemplar nas aulas a diversidade cultural. Percebi que os objetivos da proposta foram alcançados e identifiquei que muitos alunos além de gostar da prática se interessaram por aprender mais sobre outras práticas corporais, diferentes daquelas que já conhecem.

No que tange à Capoeira, é importante salientar que nessa proposta de ensino priorizei a vivência dos movimentos e ritmos da Capoeira, visando a não-violência, a integração, a inclusão e o conhecimento da sua ancoragem histórica (NEIRA; NUNES, 2006) – fundamental para o reconhecimento dessa manifestação corporal e cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, H. *Capoeira na escola*. Salvador: Presscolor, 1990.
- IÓRIO, L.S.; DARIDO, S.C. Capoeira. In: DARIDO, S. C. (Org). *Educação Física na Escola: implicações par a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 262-287, 2008.
- LIÇÕES DO RIO GRANDE. *Referencial curricular para escolas do estado: linguagens códigos e suas tecnologias – Artes e Educação Física*. v. 2. 2009. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol2.pdf>. Acesso em: 01/07/2014.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, M.; LIMA, M. E; NUNES, M. L. *Educação Física e Culturas: Ensaio sobre a prática*. São Paulo: FEUSP, 2012.
- REIS, L. V. S. *O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- SOARES, C.E.L. *A negrada instituição*. Rio de Janeiro: Sec. Mun.de Cultura, 1994.

FONTE DE FINANCIAMENTO

O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza.

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS), Centro Universitário Univates, e-mail: leandro_o_rocha@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: fabiano.bossle@ufrgs.com